

TDAH: UM DESAFIO EM SALA DE AULA

Dorotéa C. do Sacramento Gomes Siqueira¹
Camila Reis dos Santos²

RESUMO

O Presente artigo aborda as contradições e influências produzidas pelas principais características do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), no âmbito sala de aula. Discorrer também sobre a relevância da inter-relação família, escola e profissionais de outras áreas no fortalecimento, busca e construção de meios que contribuam para o bom desempenho no processo de ensino e aprendizagem envolvendo a atuação do professor e o aluno portador desse transtorno. Por último, discute as entrevistas e observações que foram realizadas em uma turma do 5º ano, do ensino fundamental I, de uma escola da rede pública de Vitória, Espírito Santo.

Palavras-chave: TDAH. Aprendizagem. Sala de aula.

ABSTRACT

The present Article abords as contradictions and influences produced by the main features of Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD), without Scope Classroom. Discuss also about the relevance of the inter-relation Family, School and Professionals of other areas without strengthening, search and Construction of Media that contribute to the good Performance In the process of teaching and learning involving a teacher and doing the student carrying the disorder. Lastly, it discusses how Interviews and observations that were carried out in a class of the 5th year, of Elementary School I of a school of the Public Network of Vitória, Espírito Santo.

Keywords: ADHD. Learning. Classroom.

1 INTRODUÇÃO

A concepção de criança e do comportamento adequado para a faixa etária que ela se encontra, ou seja, certo enquadramento social foi e continua sendo construído por vários fatores de ordem cultural, econômica e social. Assim no decorrer da história da

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX Serra.

² Orientadora. Docente da Faculdade Capixaba da Serra – MULTIVIX Serra.

infância a criança deixou de ser miniatura do adulto para ocupar um espaço de seres que precisam de cuidados, lugares e situações específicas para o seu desenvolvimento. Sendo a escola um dos lugares, que apresenta o mais alto grau de relevância, nos processos de desenvolvimento, cognitivos, psicológico, afetivos, sociais e comportamentais de uma criança.

Portanto, ao pensar no comportamento do aluno na escola e mais precisamente no âmbito sala de aula. Primeiramente, vale lembrar que essa, a sala de aula, é um local formado por múltiplas subjetividades e cada qual é movida por valores sociais, normas e leis que de certa forma são regidas pela busca de um padrão ideal de comportamento classificatório do sujeito.

Sabe-se que desde tempos mais remotos, o homem tem a necessidade de classificar tudo que existe, com o comportamento não é diferente, ou seja, é preciso que esse tenha nome “próprio”. Assim sendo, quando se pensa no aluno que apresenta características como a desatenção, a hiperatividade e a impulsividade, facilmente reporta-se ao Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, por esse transtorno apresentar tal tríade sintomatológica como característica principal, conforme aponta a literatura sobre esse assunto.

Assim, essas características vêm sendo alvo de vários estudos, uma vez que elas afetam o que se chama de normalidade e/ou padrão esperado pelos alunos, principalmente dentro de uma sala de aula. Porém, é sabido que tais características não são exclusividade desse transtorno e isso tem criado inúmeros questionamentos e contradições que culminam em duas visões sobre o transtorno, sendo uma a generalização e a outra a negação.

Acredita-se que ambas produzem prejuízos nos processos de ensino e aprendizagem, a primeira por banalizar o TDAH, pois tal banalização pode levar a classificação inadequada do comportamento da criança, ou seja, o transtorno passa a ser utilizado para justificar comportamentos dos alunos que não se adéquam ao que se considera ideal, para o contexto escolar, principalmente na sala de aula. Desse modo, fatores como, despreparo do professor, aulas monótonas, falta de apoio da família e da escola em relação ao trabalho do professor e turmas com muitos alunos, pode ser substituído pela possível presença do transtorno.

A segunda visão ao negar a existência deste transtorno, pode impossibilitar a criança portadora de TDAH de receber tratamentos necessários, ser avaliada por profissionais de outras áreas, como médica e psicológica, impedindo que ela passe por intervenções que venham amenizar os sintomas produzidos pelo transtorno, prejudicando o bom desenvolvimento do processo de aprendizagem da criança portadora do transtorno.

Assim, essas contradições foram elementos disparadores para iniciar uma pesquisa qualitativa exploratória, que objetivou investigar meios que possam melhor esclarecer o que venha a ser o TDAH e suas implicações em sala de aula, bem como refletir sobre a relevância da família e de profissionais de outras áreas no enfrentamento do TDAH. Portanto, o artigo propõe uma análise dessa investigação que envolveu a professora e cinco alunos de uma turma do 5º ano, do ensino fundamental I.

2 TDAH BREVE RESUMO

Segundo Barkley e Murphy (2008, p. 9) o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade é o termo atual para designar um transtorno desenvolvimental específico observado tanto em crianças quanto em adultos. O fato de o TDAH envolver a atenção, o comportamento e afetar a vida estudantil e social do portador, transforma esse transtorno em alvo de preocupação tanto para a família e como para a escola, pois para um grande número de professores lidar com o transtorno tem sido um grande desafio.

Conforme Barkley e Murphy (2008, p. 16), este transtorno ocorre em aproximadamente 5 a 8% da população infantil e aproximadamente 4 a 5% da população adulta. Os autores apontam também que entre as crianças, os meninos apresentam com uma maior probabilidade de portar o transtorno que as meninas, ou seja, para cada três meninos uma menina apresenta o transtorno.

Com relação às causas, autores como Rohde e Halpern (2004) afirmam que apesar do grande número de estudos já realizados, as causas precisas do TDAH ainda não são conhecidas. Informação semelhante foi encontrada em Barkley e Murphy (2008,

p.17) para eles o TDAH tem contribuições biológicas muito fortes para sua ocorrência, embora não tenham sido identificadas suas causas precisas.

Quanto ao tratamento do transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, conforme Barkley e Murphy (2008, p.17), não foi encontrado nenhum tratamento que cure esse transtorno, mas há muitos tratamentos que podem efetivamente ajudar seu manejo. Ainda de acordo com Barkley e Murphy (2008, p.19), o tratamento para o TDAH deve ser multidisciplinar, requerendo a assistência de profissionais de saúde mental, educadores e médicos.

3 METODOLOGIA

3.1 PARTICIPANTES

Participou da pesquisa uma professora de português do quinto ano do ensino fundamental I, formada em pedagogia e pós-graduada em alfabetização e letramento, com 32 anos de idade e 8 anos de experiência com alunos do ensino fundamental nas séries iniciais e também cinco alunos da turma na qual a professora lecionava, com idade entre 10 e 11 anos, sendo três meninos que apresentavam característica semelhantes as do TDAH tipo hiperativo/impulsivo e duas meninas que apresentavam característica do tipo desatento, porém nenhum deles havia recebido o diagnóstico do transtorno.

3.2 MÉTODO

Utilizou-se a pesquisa qualitativa exploratória por acreditar que essa melhor atenderia a investigação proposta, uma vez que ela:

Responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais com um nível de realidade que não pode ser quantificada. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não pode ser reduzido à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2002, p. 21).

Assim, em sua classificação exploratória a pesquisa permitiu maior acesso ao tema, pois de acordo com Gil (1991, p.45) esta pesquisa tem por objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Para o mesmo autor, na maioria dos casos essa pesquisa envolve: levantamento bibliográfico e entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado.

3.3 PROCEDIMENTOS

Na primeira etapa foi realizada a escolha da turma a ser investigada, para isso foi utilizado como instrumento uma entrevista, que consistiu na seguinte pergunta aberta: você acredita na existência do TDAH? Sendo que os cinquenta professores entrevistados foram escolhidos de forma aleatória e responderam separadamente. As respostas negativas foram descartadas, pois o critério para a escolha da turma a ser investigada, estava pautado na busca por uma sala de aula na qual o professor (a) tivesse a crença na existência do TDAH e, que essa também tivesse a presença de alunos com característica semelhante às do transtorno.

Assim quando a resposta era positiva, após breve explicação sobre a pesquisa, o professor era convidado a participar, ou seja, permitir o acesso da pesquisadora durante três meses à sala de aula a qual ele lecionava, para que fossem realizadas investigações envolvendo o e a seus alunos que apresentasse características de desatenção, hiperatividade e impulsividade. Esta etapa encerrou com a aceitação de uma professora do quinto ano do ensino fundamental I, da rede pública de ensino, do município de Vitória no Espírito Santo.

Após apresentar a solicitação do núcleo de pesquisa da faculdade para realização das investigações e assinar um termo de compromisso. Os gestores da escola permitiram o acesso da pesquisadora à sala de aula. Assim, por meio de entrevistas e observações iniciou a segunda fase da pesquisa que teve a duração de três meses. Durante este período foram realizadas seis observações em sala de aula, seguidas de entrevistas narrativas a referida docente. Para a análise qualitativa das informações

coletados nas investigações, baseou-se na literatura pesquisada, pautada nos seguintes autores: Barkley e Murphy (2008); Barbarini (2014); Calimam (2015); Matos (2005); e Rodhd e Benczik (1999).

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

A análise dos resultados coletados durante a investigação foi dividida em três tópicos centrais sendo eles: contradições produzidas pelas principais características do TDAH; Classificação do TDAH com base na generalização; sugestões de meios que possam contribuir para o esclarecimento do que venha a ser o TDAH amenizando suas implicações nas relações e nos processos ensino aprendizagem em sala de aula.

4.1 CONTRADIÇÕES PRODUZIDAS PELAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO TDAH

Dos cinquenta professores que participaram da primeira etapa da pesquisa, respondendo à pergunta: você acredita na existência do TDAH? Vinte professores disseram não acreditar na existência do transtorno, embora não tenha pedido a eles para justificar as respostas, pois o objetivo era apenas escolher um sujeito que acreditasse no TDAH, mesmo assim eles justificaram acrescentando que não havia transtorno, mas a falta de limites, ou seja, a dificuldade da família para ensinar que na escola é preciso respeitar os professores, colegas e todos que a compõem, fato que foi verificado na fala de uma entrevistada: “o papel da escola é ensinar, desenvolver habilidades da criança. A educação envolvendo respeito ao próximo e papel da família” (professora do 2º ano do ensino fundamental I).

Entre os quinze professores que responderam ter dúvidas se havia ou não o transtorno foi possível verificar que eles também relacionaram o TDAH com falta de limites fato que pode ser verificado no seguinte comentário: “pode ser que sim, que

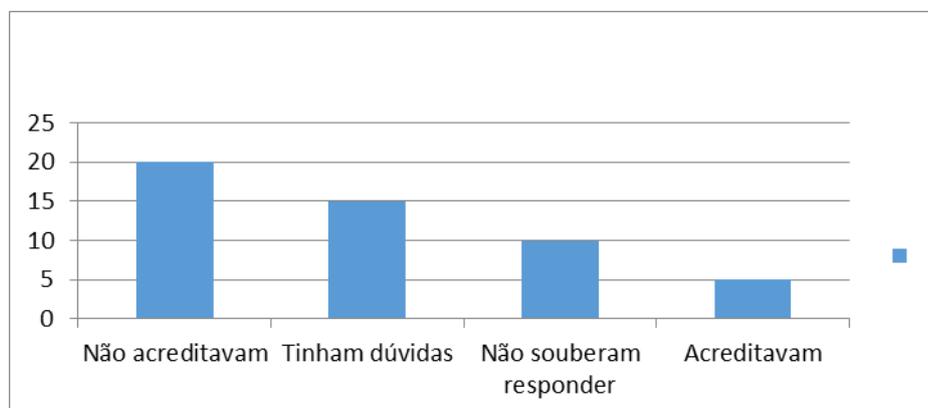
exista, em pouquíssimos casos, mas na maioria é falta de limite mesmo” (professor de educação física, 5º ano do ensino fundamental I).

Através destas respostas, embora não se pode generalizar devido o pequeno número da amostra, ficou evidente que há uma forte relação entre a falta de limites e as principais características do TDAH, que conforme afirmam Rohde e Benczik (1999, p. 39), são a desatenção, a agitação ou hiperatividade e a impulsividade. Dos dez professores que não souberam responder, um dele acrescentou: “como responder tal questão, pois se até o diagnóstico é impreciso e complexo”.

Tal afirmativa foi também encontrada na literatura pesquisada, aponta Caliman (2010 p. 49), que o discurso neurocientífico sobre o TDAH não é uníssono, mas também cria suas unanimidades, e nenhuma delas é mais forte do que a história do diagnóstico. A mesma autora afirmou também que em certos momentos, o aspecto que mais caracterizava o quadro era a hiperatividade em seguida ele perde seu valor dando espaço desatenção e também houve um tempo em que nenhum deles era visto como o aspecto definidor do transtorno.

Cinco professores responderam que acreditavam no TDAH, sendo que apenas uma professora permitiu que as observações fossem realizadas em sua turma. Para ela: “o TDAH é muito falado e pouco entendido”.

Gráfico 1- Números de respostas obtidas de professores com a pergunta “você acredita na existência do TDAH?”



Fonte: as autoras.

Esse gráfico mostra o resultado das respostas obtidas em entrevista realizada a 50 professores do ensino fundamental I. Referente à entrevista da primeira etapa dessa pesquisa, que teve por objetivo escolher o professor que disponibilizasse sua turma para a realização das investigações.

4.2 CLASSIFICAÇÃO DO TDAH COM BASE NA GENERALIZAÇÃO

No atual contexto, observa-se uma grande divulgação por meio da mídia sobre o TDAH, embora tal fato contribua para levantar discussões sobre o tema e a buscar meios para seu enfrentamento, acredita-se que o excesso de divulgação também pode fortalecer os processos de generalização do transtorno, uma vez que a maioria dos expectadores ou leitores se prendem nas principais características do TDAH. Assim utilizam as para classificar comportamentos sem considerar os fatores que os produzem. Esse fato ocorre em vários ambientes, principalmente no âmbito escolar. Durante as observações foi possível observá-lo através do relato da professora da turma investigada, no qual ela afirma que:

O TDAH é bastante divulgado na mídia, tanto na imprensa escrita, como em programas e reportagens, hoje todo mundo sabe o que é TDAH, eles falam exatamente o que alguns alunos têm.

Constatou-se também que o conhecimento superficial do TDAH, ou seja, com base apenas nas suas principais características podem contribuir para a generalização desse transtorno, entende-se aqui generalização com uma visão comum, ou seja, toda criança que apresenta tais características tem o transtorno, sem considerar que uma sala de aula é o encontro de múltiplas subjetividades, não podendo, portanto, suportar uma padronização rígida do comportamento muitas vezes idealizado pelo professor.

Desse modo, a visão generalista do transtorno pode influenciar a vida estudantil da criança interferindo em seus processos de ensino aprendizagem e no seu relacionamento com os professores e colegas, uma vez que o aluno portador do transtorno poderá ser alvo de julgamentos e punição indevidas. Tal fato foi observado no seguinte episódio ocorrido na sala de aula investigada:

A aula transcorria normalmente quando um aluno “dito” TDAH, levantou de forma brusca de sua carteira para pegar um lápis de cor emprestado, pois a turma estava fazendo uma atividade que utilizava esse material, seu gesto fez com que um pequeno pote cheio de lápis virasse sobre a carteira, ao cair os lápis produziram barulho provocando risos da turma. A professora, imediatamente chamou à coordenadora e essa convidou a criança para uma conversa, o aluno que retirou da turma dizendo: “Que falta de sorte a minha só queria o lápis azul”, depois de certo tempo a criança retornou a sala de aula, mas a atividade já havia terminado, portanto o desenho ficou incompleto. Vale lembrar que em dois relatórios desse aluno havia a seguinte frase: “o aluno apresenta dificuldade para completar suas atividades”.

Porém, neste episódio o aluno não completou sua atividade, por ter sido interrompido. Por um motivo, aparentemente normal dentro da sala de aula, ou seja, deixar objetos cair. Foi possível observar que tal fato ocorreu, ou seja, a retirada do aluno da sala de aula, devido à falta de clareza da professora sobre o que é o TDAH, observado na seguinte fala:

Não sinto bem ao pedir um aluno para retirar da sala, pois se ele é mesmo TDAH ele deve se sentir punido, mas se eu deixar ele fazer o que quer eu estou colaborando com sua preguiça e má vontade, na verdade não é fácil saber o que é TDAH (Professora investigada).

Conforme apontou a literatura pesquisada, foi possível verificar que é necessário que o docente tenha conhecimento claro sobre o transtorno. Afirma Matos (2005, p.95) que para lidar com criança com TDAH antes de mais nada, o professor precisa conhecer o transtorno e saber diferenciá-lo de “ má educação”, “indolência” ou “preguiça”.

5 SUGESTÕES DE MEIOS QUE POSSAM CONTRIBUIR PARA O ESCLARECIMENTO DO QUE VENHA A SER O TDAH AMENIZANDO SUAS IMPLICAÇÕES NAS RELAÇÕES E NOS PROCESSOS ENSINO APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA

Durante a investigação foi possível observar que uma das formas de instrumentalizar o professor para lidar com o transtorno, está relacionada ao processo de formação desse profissional, principalmente no que diz respeito a redução da dicotomia entre teoria e prática. Tal fato foi observado na seguinte fala da professora:

Durante minha formação estudei teorias relacionadas a dificuldades de aprendizagem entre elas o TDAH, mas posso afirmar que a parte prática eu quase não tive acesso, apesar de ter feito corretamente os estágios do curso eu não desenvolvi habilidades para lida com ações pedagógicas envolvendo alunos com TDAH. Penso que durante a formação deveria haver laboratório com crianças com dificuldades de aprendizagem na instituição de ensino, para unir a teoria a pratica, pois a meu ver a melhor maneira de esclarecer o que é o TDAH, devido a sua complexidade é a junção teoria e prática (Professora investigada).

Quanto à inter-relação família, escola e outros profissionais, foram sugeridos pela professora entrevistada como sendo as primeiras medidas capazes de assegurar o bom desempenho da aula e da aprendizagem do aluno portador do transtorno, para ela.

Nos casos em que a família vai à escola e participa da vida escolar da criança é nítido o desempenho desse aluno, mesmo com a presença do TDAH. Pois só o professor ou só a escola não dão conta desse transtorno é preciso à colaboração de mais pessoas (Professora investigada).

Verificou-se que a resposta da professora estava em conformidade com a literatura pesquisada, pois essa aponta que:

[..] o tratamento para o TDAH deve ser multidisciplinar, requerendo a assistência de profissionais de saúde mental, educadores e médicos em vários momentos de seu curso. O tratamento deve ser proporcionado durante longos períodos para ajudar a pessoas com TDAH no manejo contínuo do seu transtorno. Assim, muitos portadores poderão ter uma vida satisfatória, razoavelmente ajustada e produtiva (BARKLEY; MURPHY, 2008, p.19).

Outro fato que ressaltou a importância da inter-relação família, escola e profissional de outras áreas, como um meio do mais alto grau de relevância para o bom desempenho do ensino aprendizagem em sala de aula com alunos portadores do TDAH, foi constatado no segundo mês das investigações, quando a professora juntamente com a equipe pedagógica da escola reuniu várias vezes com os pais e responsáveis dos alunos “ditos TDAH” para discutir e refletir sobre a aprendizagem dessas crianças.

Pois tais discussões culminaram na busca por meio da família ou responsáveis pelas crianças de tratamentos médicos, psicológicos e de programas que atendem crianças com TDAH. Fato que permitiu que as crianças recebessem intervenções de profissionais da área da saúde visando a melhoria nos processos de aprendizagem dessas crianças.

Assim após as primeiras reuniões da escola com os pais e/ou responsáveis, embora com a resistência de três pais, as cinco crianças mencionadas no início desta pesquisa, passaram por acompanhamento médicos ou psicológicos. Sendo constatado que apenas um menino que apresentava característica de hiperatividade nas primeiras observações, ou seja, interrompia as aulas com conversas e brincadeiras, falava muito e na maioria das vezes coisas sem nexos, criava conflitos entre os colegas foi diagnosticado como portador do TDAH.

As quatro outras crianças, segundo a professora receberam dos médicos que as acompanhavam outro tipo de diagnóstico. Quanto às meninas, uma aluna recebeu o diagnóstico de leucemia e a outra apresentava alto grau de miopia, diabetes e tinha apenas 20% de audição, para a pediatra que a atendia, esses fatores sem tratamento adequado desencadeava o comportamento apático da menina em sala de aula.

Em relação ao quarto e quinto menino não foi constatado o transtorno, sendo que um deles, cujo relato consta no primeiro tópico dessa análise, ao ser retirado da sala por derrubar lápis de cores, conforme informou a professora:

Ele morava com a avó materna, eles costumavam brincar e fazer passeios juntos, porém a avó sofreu um acidente tornou-se cadeirante razão pela qual foi morar em outra cidade. Com a separação a criança passou a ficar sozinha em casa pela manhã, porque sua mãe trabalhava neste horário e aos finais de semana quase não saía de casa para brincar, pois era o dia em que ela, a mãe do menino, limpava a casa. Por isso, chegava muito eufórico na escola. Depois de muitos conflitos ele foi encaminhado ao psicólogo e com o apoio de oficinas Terapêuticas junto com outras crianças ele reduziu seu grau de euforia (Professora investigada).

O fato de apenas uma das cinco crianças “ditas TDAH” apresentar o transtorno, aponta que havia por parte da professora investigada um certo grau de generalização, o que permiti constatar que apesar da vasta literatura sobre assunto o TDAH ainda

representa um grande desafio para a maioria dos docentes, das famílias e da escola. Assim sendo, os meios que possam melhor esclarecer o que venha a ser esse transtorno estão relacionados à maior conexão entre a teoria e prática durante a formação do docente, apontado na seguinte fala da professora:

Acredito que se houve maior conexão entre teoria e prática durante a formação, o professor chegaria à sala de aula melhor preparada, para lidar não só com o TDAH, mas com outros problemas também, durante a maioria dos cursos a parte de literatura é vasta, mas uma coisa é tirar dez na prova à outra e enfrentar a sala de aula, são realidades muito distante (Professora investigada).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se neste estudo investigar meios que possam melhor esclarecer o que venha a ser o TDAH e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula. A professora investigada apontou a necessidade da “junção teoria e prática”, devido presença de certa dicotomia entre elas durante a formação do professor, portanto faz-se necessário rever esse processo visando aumentar a aproximação desses dois elementos que compõem o saber e a práxis do docente, porém é sabido que esse processo está para além da instituição de ensino formadora de professores, ele aponta algo mais complexo, talvez uma mudança na estrutura do ensino superior voltado para a formação de docentes.

Constatou também a relevância de levantar discussão no ambiente escolar com a presença de profissionais da área médicas e especialistas sobre o TDAH, bem como a importância da presença ativa de pais ou responsável no ambiente escolar, bem como a necessidade da compreensão do professor de que cada aluno é um sujeito que, possivelmente traz em si elementos que de certo modo podem provocar reações diversas no ambiente sala de aula, que é um local de encontro de uma multiplicidade de fatores que compõem a sociedade, tais como valores culturais, valores morais, éticos e econômicos. A fim de evitar a negação ou generalização do TDAH amenizando os prejuízos que esse transtorno possa produzir nos processos ensino aprendizagem.

7 REFERÊNCIAS

BARBARINI, Tatiana de Andrade. Sob a tutela do Biopoder: crianças com TDAH. **Estudos Sociol.** Araraquara v.19 n.36 p.221-238 jan.-jun. 2014.

BARKLEY, Russell, A. e MURPHY, Kevin R. **Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: Exercícios Clínicos.** Tradução Magda França Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CALIMAN, Luciana Vieira. **Notas sobre a história oficial do transtorno do déficit de atenção/hiperatividade TDAH.** Psicologia ciência profissão, Brasília, v. 30, n. 1, mar. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo>. Acesso em: 17 fev. 2015.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1993.

MATOS, Paulo. **No Mundo da Lua:** perguntas e respostas sobre transtorno de Déficit e atenção com Hiperatividade em crianças, adolescente e adulta. São Paulo: Lemos Editorial, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. (Coleção temas sociais).

RICHTER, Michelli e YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. **O transtorno de déficit de atenção / hiperatividade (TDAH) e suas repercussões sobre a aprendizagem.** Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) Universidade Estadual de Maringá, 2012. Disponível em: http://www.dfe.uem.br/TCC/Trabalhos_2012/31.html. Acesso em: 17 Fev. 2015.

RODHD, L. A P. BENCZIK, E. B. P. **Atenção hiperatividade:** o que é? Como ajudar? Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

ROHDE, Luis A.; HALPERN, Ricardo. Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: atualização. **Jornal de Pediatria.** Vol. 80, n. 2 (supl), S61-S70 2004. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 18 fevereiro 2015.